

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ESTHER SOO YOUN CHUNG

IDENTIDADE E CULTURA: O PAPEL DA
FAMÍLIA, DA ESCOLA E DA COMUNIDADE
EM DESCENDENTES DE COREANOS
NASCIDOS NO BRASIL

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ESTHER SOO YOUN CHUNG

IDENTIDADE E CULTURA: O PAPEL DA
FAMÍLIA, DA ESCOLA E DA COMUNIDADE
EM DESCENDENTES DE COREANOS
NASCIDOS NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada como exigência parcial do
Curso da Faculdade de Educação da
PUCSP.

Orientadora: Prof. Dra. Terezinha Calil
Padis Campos

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ESTHER SOO YOUN CHUNG

IDENTIDADE E CULTURA: O PAPEL DA
FAMÍLIA, DA ESCOLA E DA COMUNIDADE
EM DESCENDENTES DE COREANOS
NASCIDOS NO BRASIL

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientador: Profa. Dra.

Examinador: Profa. Dra.

São Paulo, de de 2011.

SÃO PAULO

2011

Dedico à minha família, meu pai, minha mãe, minha irmã Rebecca e meu irmãozinho Gabriel. As pessoas mais preciosas, e que sempre me apoiaram, me ajudaram e me deram forças.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre me lembrar que sou capaz e me dar forças nos momentos fáceis e difíceis.

Aos meus pais por terem me criado e educado com muito amor e carinho, sabendo impor limites e ensinado valores essenciais, e por sempre acreditarem em mim e me apoiarem.

A minha orientadora, Profa. Dra. Terezinha Calil Padis Campos, por me orientar e possibilitar a realização deste trabalho.

As minhas amigas Ana Carolina Murayama, Adriana Aparecida Batista Yamada e Maria da Luz, pela amizade, compreensão, conselhos e muitos risos durante todo o percurso.

Aos meus irmãos Rebecca Chung e Gabriel Chung, pelo amor, carinho, e pelo simples fato de existirem.

A Janaína Ritsuri e Aurélio Ritsuri que me ouviram, deram conselhos, e me ajudam com palavras de ânimo ou até broncas necessárias, sempre com o amor que vem do Pai.

Aos professores do curso de Pedagogia da PUC-SP que ajudaram na minha formação, no pensamento crítico e toda a bagagem teórica.

Sumário

Resumo e Abstract.....	7
-------------------------------	----------

Introdução e Justificativa.....	9
---------------------------------	---

Capítulos

I) Os Coreanos.....	11
II) Educação, costumes e tradições.....	23
III) Família, escola e comunidade.....	39

Considerações finais

- **Referências Bibliográficas e eletrônicas.**

Resumo:

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo; refletir sobre o papel da família, escola e comunidade nos descendentes de coreanos, e qual a sua influência na identidade destes descendentes.

Primeiramente, o trabalho discorre sobre a imigração dos coreanos para o Brasil, contando como os mesmos chegaram aqui, e um pouco do que passaram da vinda, até a chegada e a instalação, as barreiras e dificuldades enfrentadas. Acrescentando a origem dos coreanos, e a história do povo, relacionando-a com a história da educação neste país.

Nos capítulos seguintes, tratamos um pouco, sobre os costumes e tradições; para finalmente refletir sobre a família, a escola e a comunidade para os descendentes de coreanos nascidos no Brasil, com o foco na questão da identidade dos mesmos.

O trabalho se baseou em leitura de livros e textos da internet, além de relatos informais de coreanos e descendentes de coreanos, visitas ao consulado e da própria experiência, sendo eu, descendente de coreanos.

Abstract

The present graduation study has as goal the rethinking about the importance of family, school and community in the lives of Brazilian whose parents and relatives came from Korea and besides it, discovering the influence in their identity.

At first, the study is based on the Koreans immigration to Brazil, analyzing how they've arrived here and what they've been through during the coming trip until the arriving and the establishment, problems and difficulties they had. Plus the Koreans origin and their history, relating it with the history of their education.

On the following chapters, their habits and traditions are exposed to finally consider how important was the family, school and community in Brazilians whose parents and relatives are Korean, focusing in their identity issue.

The study was based on the reading of books and virtual articles, beyond Koreans informal reports and Koreans descendants, and on my own experience, once I am a Korean descendant.

Introdução e Justificativa

Este trabalho de conclusão de curso teve como finalidade no campo teórico, conhecer e entender sobre a identidade, a cultura, e a educação dos coreanos; e a partir desse estudo, refletir se ocorria a perda da cultura dos descendentes de coreanos nascidos no Brasil.

No campo prático, teve como objetivo a pesquisa de campo em escolas, Consulado coreano, relatos e em qualquer outra instituição que pudesse contribuir. E por fim, relacionar todos esses dados, com a importância do papel da família, da escola e da comunidade nestes descendentes de coreanos, para preservar a cultura dos mesmos.

O tema, identidade e cultura: o papel da família, da escola e da comunidade em descendentes de coreanos nascidos no Brasil, foi estabelecido através de percepções pessoais, e de vivências, como sendo também descendente de coreanos.

Este tema foi escolhido por observações feitas no dia-a-dia, no convívio com descendentes de coreanos e seus familiares; e através de conversas informais. Sendo relevante para que eu possa relacionar o papel da família, da escola e da comunidade com a preservação ou não da identidade desses descendentes, qualificar até que ponto a escola tem um papel de preservar ou não essa cultura, a identidade e a educação, com seus valores e ideais.

Pois o que foi possível observar, através de relatos e vivências, foi que, os descendentes de coreanos que moram aqui no Brasil estão perdendo a sua cultura, não se lembrando da cultura de seus pais e até mesmo a educação dos descendentes sendo diferente, incorporando a educação, os valores e os costumes de outras culturas que não a sua.

A partir deste trabalho, queria conhecer mais sobre a história da Coreia, a cultura e a educação. Mas não somente a educação dita formal, “presa as paredes” da escola, mas a educação que se passa de geração em geração, educação que os pais dão para os filhos, valores, conceitos, entre outros.

Metodologia

A metodologia usada foi a de pesquisa de campo e teórica, em instituições coreanas de educação, focando no ensino da cultura e origem, e no papel que a escola, a família e a comunidade possuem, além de relatos de coreanos e descendentes de coreanos.

Capítulo I: Os Coreanos

A Coréia, para uma descendente de coreanos nascida no Brasil, até há pouco tempo antes de procurar saber mais sobre a mesma, era apenas mais um país, na qual, os meus pais nasceram e passaram a infância; um país com uma educação forte e rígida, e com a parte tecnológica bem desenvolvida.

Depois das leituras e pesquisas, pude descobrir que, a Coréia, é uma das mais antigas nações do mundo, pois sua história começou antes do nascimento de Cristo, e apesar de ter uma história com invasões frequentes, conseguiu manter a homogeneidade e as características nacionais. E este capítulo, localizará a imigração coreana para o Brasil, como se decorreu, os motivos e as dificuldades que aqui encontraram.

Por volta de 1900 a Coréia começou a se esforçar para se modernizar e preservar a sua independência, mas com isso, tornou-se vítima do imperialismo japonês sofrendo durante quase um século e meio de várias maneiras.

Entre 1923 e 1926 a Coréia estava dominada pelo Japão e foi neste período que a vinda dos coreanos para o Brasil começou a se intensificar. Nessa época, os coreanos vindos para o Brasil, eram coreanos fugitivos com passaportes japoneses. Já em 1956, os coreanos que vieram, fugiam da guerra do país e outros eram prisioneiros.

Por volta de 1962, a Coréia já estava livre da colonização japonesa, e membros do governo da República da Coréia vieram para o Brasil tratar da questão da imigração, o que só foi possível depois de muitas negociações, sendo a data oficial da imigração o dia 12 de fevereiro de 1963.

Mas os primeiros coreanos a chegarem ao Brasil, datam de 1918, segundo a dissertação de mestrado Além do Arco Íris: a imigração coreana no Brasil; coreanos esses, que foram naturalizados japoneses, para poderem imigrar. Além de coreanos naturalizados, vieram também para o Brasil, ex-prisioneiros da guerra civil pois o Brasil foi um dos poucos países que ofereceram acolher os mesmos.

O mais interessante, ou o mais esquisito, para não dizer que talvez fosse até desesperador, é que o acordo feito para que a imigração ocorresse, foi a de um projeto de aquisição de terras e colonização agrícola no qual, os coreanos precisavam comprar um terreno e cultivá-lo, chegando aqui no Brasil, sem lugar para morar ou trabalhar, mesmo os imigrantes não sabendo e não tendo experiências com a agricultura. Sendo essa imigração feita primeiramente através de inscrições, ou seja, as famílias coreanas deveriam se inscrever para vir o mais rápido para o Brasil.

Já podemos imaginar o resultado deste projeto inicial, que, foi negativo, resultando no comunicado ao governo coreano de que o Brasil, não mais permitiria a imigração. Mas o que não é espantoso também, é que este comunicado só ficou no “papel”, pois os coreanos continuaram vindo, mas desta vez, não para trabalhar nas lavouras, pois não se adaptavam a este tipo de trabalho, mas vieram para trabalhar em outros ramos, como por exemplo o comércio de importados e confecções.

Muitos dos imigrantes que não foram para as lavouras, continuaram nas cidades em busca de apoio de parentes e abrigo da igreja partindo para o ramo acima citado como exemplos (Kim Yoo Na).

Outro motivo da imigração para o Brasil além de fugir das guerras, era por considerá-lo como degrau para chegar aos Estados Unidos. Pois, por volta de 1976, ocorreu um incidente na fronteira entre as duas Coreias, na qual dois soldados americanos morreram. Por causa da morte, a população temia a possibilidade de uma nova guerra e procuraram sair do país. Essa saída foi influenciada pela cultura de massa americana, transmitida pelas tropas da mesma, sobre a vida americana, baseada na abundância e no consumismo, provocando assim uma visão de paraíso para os coreanos.

Começa então, a adoção do estilo de vida norte-americano, significando status para os coreanos; sendo também o uso do inglês, um instrumento de ascensão social. E muitos que tinham condições de imigrar, imigraram para os Estados Unidos. Essa saída foi diminuída pelo governo coreano, que colocou uma emenda em sua Lei de Emigração em 1975, na qual, as pessoas que possuíssem bens acima de 100.000 dólares, fossem generais, deputados,

juizes, presidentes de empresa estatal ou funcionários públicos de alto nível, não poderiam mais sair do país (Além do Arco-Íris, pág. 27).

Mas muitos coreanos, não tinham condições para imigrarem para os Estados Unidos, então, imigravam para o Paraguai ou Bolívia, clandestinamente se transferiam para o Brasil ou Argentina, para depois chegarem aos Estados Unidos.

Além da influência da guerra e dos soldados americanos, a imprensa teve um papel importante, pois divulgava o projeto de imigração através de publicações e artigos; que tratavam sobre as características econômicas do Brasil, o preço da terra, os gastos com o estabelecimento de infra-estruturas, entre outros pontos importantes. E assim como o estilo de vida norte-americano influenciou na visão de paraíso que os coreanos tinham esses artigos e divulgações, deu aos coreanos, a ideia de um lugar de natureza paradisíaca.

Ao chegarem ao Brasil, às reações foram diversas. Alguns sentiram nos brasileiros, muita alegria de viver, sendo muito sorridentes e que trocavam muito calor humano; já para outros, a chegada foi um choque cultural. Além do choque cultural, houve a questão de não saber muito sobre agricultura, outra dificuldade encontrada pelos coreanos. O que aconteceu especificamente com o primeiro grupo que aqui chegou.

O destino dos primeiros imigrantes era para Capão Bonito, escolhido no início do projeto de imigração, mas para a surpresa de todos, ao chegaram ao Brasil, foram informados que o destino não seria mais para Capão Bonito, mas para Miracatu. A explicação para essa mudança foi a de que o coreano responsável pelas documentações, antes de entregar os documentos do projeto para a aprovação pelo governo brasileiro, sem avisar o responsável na Coreia, modificou não somente o local, mas também os nomes das pessoas que viriam, para que pudesse trazer membros da sua família.

Não satisfeito em enganar na documentação, Soo Jo Kim, havia recebido dinheiro da embaixada para construir a infra-estrutura do local na qual os imigrantes ficariam, mas que “não estavam prontas”. Ele garantiu às famílias que em dois ou três dias, ele terminaria a construção de um alojamento

provisório, permanecendo não somente o período dito para o término da construção, mas mais dois meses.

Somente em 17 de fevereiro de 1963, é que os chefes das famílias foram levados para visitar a região, e para mais uma surpresa, é que quando chegaram, havia ali, dez famílias de brasileiros ocupando e cultivando bananas no local. Essas famílias disseram que haviam adquirido as terras em 1949, mas que em 1959, haviam vendido, mas que estavam comprometidos a saírem assim que os imigrantes chegassem. Porém os coreanos decidiram não ficar com as terras, pois acharam a terra pobre, que só tinha mato e não prestava para o cultivo, além do cultivo de bananas.

Como os imigrantes ainda se encontravam nas dependências da Hospedaria dos Imigrantes, após mais de dois meses, Soo Jo Kim e o embaixador coreano, foram chamados pelo diretor da imigração do estado de São Paulo, para esclarecer a situação. Nessa reunião, Soo Jo Kim, afirmou que os coreanos iriam se tornar empregados de uma fazenda, pois no caso de imigração por contrato, pela lei brasileira, os imigrantes não deveriam ser proprietários. Mas ao contrário desta fala, os imigrantes haviam vindo para cá, com a decisão de serem proprietários, pois não conheciam essas condições legais.

E o resultado de todas essas surpresas, foi a conclusão de que haviam sido enganados por Soo, que conhecia muito bem esse termo para a imigração e havia enganado os seus conterrâneos, pretendendo com o capital dos mesmos, comprar uma fazenda e contratá-los como trabalhadores e confiscar seus bens através de fraude (Choi Keum Joa, 1991, pág. 55 e 56). Mas como diz o ditado popular, que a mentira tem perna curta, as verdadeiras intenções de Soo Jo Kim, foram descobertas, e sua tentativa de fraude fracassou.

A partir destes dados, fiquei curiosa com relação a concentração coreana no Brasil, e o que achei foi o dado do site da tvcultura, que diz que São Paulo tem a maior concentração da colônia coreana na América do Sul, com aproximadamente 50 mil pessoas; que atualmente, dominam as confecções e ocupam, uma boa parte, o bairro do Bom Retiro, nomeado como o bairro coreano, antes reduto dos judeus.

O mesmo site relata que pelos coreanos estarem habituados pelo intenso trabalho na Coréia, ganharam a imagem de trabalhadores obsessivos, o que pode explicar sobre as outras decisões de imigrar; não somente pela guerra e invasão, mas também pela vontade de fazer fortuna e gosto pela aventura. Mas essa imagem foi sendo substituída pela imagem integrada à economia e à sociedade Brasileira.

Atualmente, assim como outras comunidades importantes da cidade, os coreanos e seus descendentes criam e estão criando suas instituições próprias de ensino, não somente para manter algumas tradições, e a cultura, mas também para ajudar a comunidade. O que podemos ver claramente na fala do presidente de uma instituição escolar coreana: "Queremos que ele seja aberto ao bairro. Temos de ajudar a comunidade". Mas há também a troca e a retribuição, como por exemplo, a abertura do curso de coreano na Faculdade de Letras da USP, disciplina optativa e que valida créditos aos alunos da graduação. E assim, uma ajuda a outra e vão se relacionando e interagindo, essas duas culturas tão diferentes (Site da revista folha).

História da Coréia

Procurando sobre a história da Coréia, lembrei da história do Brasil, com sua colonização e a grande miscigenação, entre muitos povos. E pude descobrir que com a Coréia não é tão diferente. De acordo com os historiadores, os coreanos são constituídos da mistura entre mongóis, manchurianos, japoneses, chineses e polinésios; sendo que os primeiros habitantes teriam vindo do norte da China e da Manchúria, e caracterizava-se por agrupamentos de clãs, formando assim, pequenas cidades estados. Essas pequenas cidades estados, com o tempo, foram se unindo e formando ligas tribais, que cresciam e se transformavam em reinos (Fatos sobre a Coréia, p.17).

Mas como uma boa história, não poderia deixar de contar sobre a lenda da Coréia, para explicar a sua origem. Diz a lenda, que Tangun ou Dangun, o fundador do primeiro reino da Coréia, nasceu da união do filho do Rei do Céu com uma urso que foi transformada em uma mulher, referida pelos historiadores como o período Gojoseon, antigo Joseon (Fatos sobre a Coréia, p.17).

Já uma outra lenda, nos conta com um pouco mais de detalhes e algumas diferenças. Um rei celestial chamado Hwanin, havia enviado seu filho Hwanung à terra que acabou se casando com a urso transformada em mulher, que resultou no nascimento de Tangun, que uniu diversas tribos, transformando-as em um único Reino.

Esse reino, chamado de Choson antigo, foi se dividindo em comunidades, e três estados tribais se estabeleceram, sendo eles Mahan, Chinha e Pyonhan, chamados de os "Três Hans", que ganharam destaque pela organização tribal, costumes e artesanato, que posteriormente foram substituídos pelo Império Han da China; que perdeu rapidamente a sua influência, dando lugar a várias ligas tribais. (Kim Edward H, Dados sobre a Coréia; Editora Hollym Corporação, 1985).

Goguryeo ou Koguryo (37 a.C – 669 d.C), foi uma dessas ligas tribais que primeiro se transformou em reino, através da conquista das tribos vizinhas,

anexando-as, até chegar na China, em Lolang (313 d.C) (Fatos sobre a Coréia p.17).

Tendo se tornado uma potência na região, até o 1º. Século d.C (37 a.C até 668 d.C), não se preocupou tanto com as outras ligas tribais vizinhas e se envolvia em outros conflitos, assim, dando espaço para que as ligas vizinhas adquirissem e fossem acumulando poder. Duas dessas ligas que começaram a se destacar foram Paekche ou Baekje (18 a.C até 660 d.C) e o Reino de Shilla ou Silla (57 a.C até 935 d.C).

De uma cidade-estado, Baekje se desenvolveu para formar um estado aristocrático central; já o Reino de Silla, era o mais fraco e o menos desenvolvido dentre estes Três Reinos, e o último a chegar à categoria de Estado, sendo sua sociedade baseada na sociedade de classes distintas.

Porém, o que podemos aprender com esta história, é que nunca podemos menosprezar ninguém; pois, mesmo o Reino de Silla sendo considerada o mais fraco e o menos desenvolvido, conseguiu derrotar e conquistar os outros dois reinos. Mas, esse acontecimento só foi possível, com a ajuda de Tang China, que era inimiga de Koguryo, que se aliou a Shilla para ajudá-la na conquista primeiramente de Paekche e posteriormente, Koguryo.

Uma surpresa que Shilla teve, foi a descoberta de que a Tang China só a havia ajudado pois tinham interesse de administrar os territórios de Goguryeo e Baekje. Essa ambição foi percebida, quando os generais de China Tang, foram designados para administrarem estes territórios, mas o que não foi possível, pois Silla os expulsou em 676. Alertando-nos que na guerra, nada vem de graça, ou seja, China Tang só havia ajudado pelo seu interesse de administrar estes territórios, e não de dá-las gratuitamente para seu aliado Silla.

A expulsão de Tang China se deu através de luta e captura da sede chinesa, pelo general mais habilidoso de Silla, o general Kim Yu-Shin. Mas a Tan China, só veio a reconhecer o direito de Silla sobre os territórios conquistados em 735, tornando-se Silla um dos primeiros a cobrir toda a península coreana. (KIM, Edward H. Dados sobre a Coréia. Editora Hollym Corporação, 1985).

Silla continuou prosperando e ganhando cada vez mais poder, ficou tão forte que unificou a Península Coreana em 668, período em que os poderosos tentaram estabelecer um estado budista; chegando ao seu auge em meados do século VIII. O curioso, é que não se achou o nome do rei que governou Silla em nenhum dos livros lidos, o que talvez seja uma pena.

Este reinado durou até 935, pois os conflitos começaram a aparecer. Esses se deram entre os líderes regionais, que a cada dia aumentava, além dos conflitos entre o Chingol, clãs reais e aristocráticos, perdendo assim, a realeza, o poder para os mesmos. Mais um fator que ajudou na rendição do rei, foram os problemas na administração do distrito e a rebelião de muitos líderes contra o rei. Por fim, o rei rendeu-se à corte da recém-fundada Dinastia Goryeo ou Koryō.

Para chegarmos até a fundação da República da Coreia, continuaremos passando pela história, contando um pouco mais, sobre as duas próximas dinastias, até chegar à invasão e ocupação japonesa da Península Coreana. Então até a Coreia dos dias atuais, ainda há um bom caminho a trilhar pela frente.

A recém-fundada Dinastia Goryeo ou Koryō (918 – 1392) foi fundada por Wang Geon ou Wang Oon, o último dos líderes rebeldes, e general do príncipe rebelde do Reino de Silla; recebendo o título póstumo de T'aejo. O objetivo de T'aejo era a de recuperar o território perdido do Reino de Goguryeo, no nordeste da China, mas, agindo inicialmente em paz, estabelecendo relações amigáveis, com políticas liberais e usando a estratégia do casamento, para estabelecer laços.

Um dos reis que governou a dinastia Koryō ou Goryeo, foi o rei Songjong (981-977), o qual abriu o caminho para os princípios confucionistas, pois até então, tinham o budismo como base, adotando como modelo para o governo, o sistema Tang, com a instituição adicional de autoridades com poderes de admoestar o rei e censurar suas decisões, o que fez com que Koryō pudesse resistir às invasões estrangeiras.

Durante o reinado de outro rei, o rei Hyonjong (1009-1031), Goryeo passou por algumas guerras contra as tribos de Mongóis Jurchen do norte, que se fortaleciam na área entre a fronteira da Coréia e a Manchúria. O rei, cansado da guerra, ordenou que entalhassem em blocos de madeira, textos budistas, representando uma solicitação de sua ajuda, chamada como Tripitaka Coreana, que tinham como objetivo, invocar a influência de Buda para expulsar os mongóis. Este trabalho em blocos de madeira abrangeu cerca de 6.000 capítulos de escrituras budistas, gravada em 80.000 blocos de madeira.

Já em 1126, todos os prédios do palácio real, incluindo a academia nacional e a biblioteca real, foram destruídos num incêndio provocado pelo rei Injong (1122-1146), outro rei que governou Goryeo. Como não conseguiram réplicas e os livros impressos em madeira eram extremamente caros, a idéia da tipografia surgiu, fundando o primeiro tipo metálico móvel conhecido no mundo, utilizando a tecnologia empregada na fundição de moedas de bronze. A partir desta tecnologia, em meados do século doze, muitos livros foram impressos.

A Dinastia Goryeo foi se enfraquecendo em decorrência das disputas internas entre acadêmicos e guerreiros e entre confucionistas e budistas, com isso, em 1231 os mongóis, fizeram de Goryeo um estado vassalo durante aproximadamente um século.

Com tantas mudanças, guerras, invasões, diferentes rei e reinados, em 1392, nasce uma nova dinastia. Essa nova dinastia é chamada de Joseon (século XV), e foi estabelecida pelo General Yi Seong-gye, orientado pelo Confucionismo, na qual, ensinava a controlar os males e os vícios que afligiam a mente, como por exemplo a raiva, a inveja e a cobiça; ao contrário da Dinastia Goryeo, com influência budista.

Neste período, o que apareceu como uma grande mudança foi a questão do trabalho, que não é mencionado em nenhum dos outros reinos. Essa questão nos diz sobre a escolha dos funcionários públicos, que era feita através de concursos, supervalorizando o aprendizado acadêmico e menosprezando o comércio e a indústria. Mas um dos acontecimentos que podemos citar como

um dos mais importantes para o povo, o país e para a educação, foi a criação do alfabeto coreano, o Hangeul.

O Hangeul ou Hangul, foi criado, no período entre 1418 a 1450, no reinado de Sejong o Grande, quarto monarca da Dinastia Joseon, pelos mestres da academia real; mas que na época era conhecida como Hunminjeongeum, que significa: “sistema fonético adequado para educar o povo”.

Esse período governado pelo rei Sejong ou Se Jong é conhecida pela pacificidade e o desenvolvimento científico e filosófico. Mas antes do Hangul ser criado, a Coréia usava o Hanja, ideogramas chineses, que apenas a elite conhecia e dominava. Mas somente um tempo depois de sua criação, e com o surgimento dos contos em coreano, é que o povo começou a aprender o Hangul, para não dependerem de poucos letrados.

Quando tudo parece estar mais calmo, O rei Sejong abdica do trono, deixando seu filho o rei Munjong, que reinou de 1450 a 1452, no comando; que morreu dois anos após a subida ao trono. O que fez com que o príncipe Danjong, de 11 anos reinasse. O reinado de Danjong também não durou muito, pois seu tio Suyangdaegun usurpou seu trono em 1455, reinando de 1455 a 1468.

Por incrível que pareça, as mudanças com seus conflitos não param, e em 1592, o Japão invade a Dinastia Joseon. Mas sua primeira tentativa enquanto tentava invadir à China não trouxe resultados positivos, pois, os coreanos enfrentaram corajosamente os invasores.

Um dos antepassados mais respeitados da Coréia e que teve um importante papel nesse confronto, foi o Almirante Yi Sun-sin (1545-1598), liderando os ataques navais contra os japoneses (Fatos sobre a Coréia, 2006).

Yi Sun-sin, em seu diário, conta como foi uma de suas batalhas, o que deixa essa história mais próxima e interessante. O escrito, data do dia 16 de setembro de 1597. Ele conta que era um dia claro e bem cedo quando muitos

navios japoneses, tantos que não se podia nem contar, começavam a se aproximar.

Seu navio, o Geobukseon ou navios-tartaruga, por aparentar o casco da tartaruga, foi um dos primeiros navios de guerra do mundo a ser construído com ferro. Ao desancorar, viu-se rodeado pelos navios do inimigo; muitos dos soldados, já estavam desistindo de vencer e por conseqüência, de viver; mas enquanto esse sentimento tomava conta do coração, a cabeça pensava em como fugir e se livrar do inimigo.

O almirante então começou a remar e a atirar com todos os tipos de armamentos que possuíam; o que encorajou o resto dos soldados, que começaram a atirar flechas sem parar, o que deve ter assustado o inimigo, pois, não sabiam se fugiam ou se ficavam para lutar. Mesmo assim, os soldados ainda se mostravam com um pouco de medo, então para os encorajar mais ainda, Yi Sun-sin, com palavras de consolo disse: “ mesmo com tantos navios, eles não conseguiram invadir o nosso navio, então não se abalem e atirem com toda a força”.

Enfim, seu barco e o barco do inimigo se viram frente a frente e o inimigo começou a tentar embarcar para a luta. Então o Almirante e seus soldados, para que o inimigo não conseguisse subir, começaram a usar facas, espadas, armas pontudas parecidas com lanças; então, viraram o navio e começaram a lançar uma “chuva” de flechas. Vendo que o inimigo não conseguiria mais atacar, gritaram o mais alto que puderam e continuaram atirando as flechas, até não poderem mais atingi-los. (APOSTILA DO CURSO DE COREANO)

Já em terra firme, soldados voluntários e monges budistas é que enfrentaram o inimigo. Mas a guerra acabou somente em 1598, com danos tanto na Dinastia Joseon quanto em perda de artesãos, técnicos coreanos, oleiros, levados à força para o Japão.

O ataque do Japão não parou nessa derrota, mas a guerra, o sofrimento e opressão só estavam a começar. A Coréia se fechou e permaneceu como um “Reino Eremita” no século XIX, sem nenhum contato com os outros países,

talvez, com medo de invasões e sofrimento. Mas o que não os poupou do mesmo, pois o Japão anexou à força e estabeleceu sua lei colonial em 1910. (Fatos sobre a Coréia, 2006).

Até o uso e o ensino da língua coreana foi proibido, o que fortaleceu mais o sentimento de patriotismo entre os coreanos, ocorrendo assim muitos protestos e o Movimento de Primeiro de Março pela Independência. A exploração e o sofrimento do povo coreano duraram até 1945, quando na Segunda Guerra Mundial, o Japão foi derrotado.

Apesar de estarem livres do Japão, a Coréia não voltou a ser a mesma, pois o país estava dividido por diferenças ideológicas causadas pela Guerra Fria, ocupando o lado sul os Estados Unidos e o lado norte, as tropas soviéticas. Neste período, a Comissão da ONU convocou eleições na Coréia, mas a União Soviética se recusou a obedecer. Então as eleições só ocorreram do lado sul do país, em 10 de maio de 1948, sendo eleito o primeiro Presidente da República da Coréia e ao norte do Paralelo 38 que divide a Coréia, o estabelecimento de um regime comunista.

Já em 1950, começa a guerra das Coréias, que duraram três anos, e deixou como em qualquer outra guerra, muitos mortos, feridos, sem tetos e famílias separadas. Nesse ínterim, muitas mudanças no governo ocorreram além da intensificação dos movimentos do povo, e a adoção da primeira Constituição da República visando à busca da democracia. Assim, a Coréia do Sul vem se desenvolvendo com essa visão democrática.

Capítulo II: Educação, costumes e tradições.

A educação está presente desde os tempos mais remotos, seja ela formal ou informal, seja ela como a conhecemos hoje e pelo o que chamamos hoje, de educação ou não. Com a Coréia não é diferente, a concepção de educação pode ser conhecida desde o mito da origem da Coréia.

Hwanung, também havia descido para fazer muitas obras boas no mundo, tanto ao ser humano, quanto com relação à natureza, que para a época, formavam um só corpo. Mas Hwanung não veio sozinho, acompanhando-o, vieram também os professores e vassallos; que controlavam os movimentos da natureza, como o vento a chuva e elementos importantes para a agricultura.

O trabalho dos professores era a de ensinar o trabalho da agricultura, o cultivo; além de ensinar também sobre a vida, as doenças, o cumprimento de leis e de castigos, o bem e o mal e a ética. E nessa transmissão conhecimentos dos seres celestiais para os seres humanos, e dos seres humanos para seus descendentes é que podemos localizar o processo educativo.

Mais do que somente no processo de ensino-aprendizagem e a retransmissão do conhecimento adquirido dos seres celestiais, a educação nessa época também abrangia a vida cotidiana da família e da sociedade, e este processo da educação, era para eles, um processo da vida inteira, sendo a escola o espaço vital para este processo.

Neste processo, as meninas, aprendiam os fazeres de casa e sobre como criar os filhos. Já os meninos aprendiam como fabricar ferramentas, estratégias de guerra, além de passar por um rito religioso de celebração, uma cerimônia para o reconhecimento da adolescência e uma prova de resistência corporal dos jovens.

Esta cerimônia tinha como um dos objetivos, educar para a vida social, pois os jovens aprendiam a suportar as dores e os sofrimentos, e passavam pelas mesmas provas que os mais velhos tinham passado, para adquirirem o mesmo direito de ser membro da sociedade, também aprendendo a respeitar e obedecer aos mais velhos e as autoridades, o que está faltando muito hoje em

dia. Mas essa cerimônia e suas provas, não fugiam de seu contexto, e para cada sociedade, para diferentes situações geopolíticas, a superação da dificuldade era outra.

Outro objetivo claro nesta cerimônia é a educação com caráter religioso. Pois, o que as dirigia eram as crenças, assim, o adolescente se identificaria com a religião de seu povo.

Continuando na linha do tempo, podemos destacar o período dos três reinos, Goguryeo, Baekje e Silla, na qual podemos observar o estabelecimento da educação escolarizada e o desenvolvimento dos estudos. A educação escolarizada e o desenvolvimento dos estudos só foram possíveis pela contribuição do uso da escrita chinesa e da difusão do confucionismo e budismo.

Para entendermos um pouco melhor, explicaremos um pouco sobre o confucionismo e como este está ligado à educação. O confucionismo surgiu em meio a um período de divisões, na qual reinava a desordem e havia a ausência de modelos morais e período de combates; para solucionar esta situação. É uma doutrina, ou sistema filosófico, criada por um pensador chinês, o Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.), no século VI AC. Sua principal idéia é a busca do caminho superior, o Tao, que é possível através de uma vida equilibrada e boa; e seus valores mais importantes são a disciplina, o estudo, a consciência política, o trabalho, respeito aos valores morais, a ponderação e o respeito aos mais velhos e aos antepassados.

Essa filosofia chinesa também prima pela boa conduta, um bom governo de Estado, a conservação da tradição, o estudo e a meditação para que a sociedade possa cada vez mais se tornar uma sociedade próspera; com pessoas tolerantes, bondosas, benevolentes, que ame o próximo e respeite os mais velhos.

Confúcio era um professor, e decidiu se dedicar à formação de sua escola filosófica, e acreditava que seu método poderia preservar o que há de melhor na sociedade. Confúcio chegou à conclusão de que todos estes conflitos e desordem derivavam da perda dos valores morais e também do processo educacional, tida como incapaz de formar cidadãos conscientes.

A partir desta questão da educação, Confúcio pensou nas seguintes questões: como atingir e servir todos os seres humanos para que possam criar uma consciência comum à todos com conjuntos de valores morais importantes para a vida em sociedade; qual a função de ensinar e aprender e seu objetivo.

Chegou à conclusão de que a educação poderia corrigir a sociedade, mas por outro lado poderia ser incapaz de resolver os problemas sociais e individuais, pois uma educação incompleta poderia deixar margem à corrupção do ser humano.

Então para Confúcio, a educação é que levaria o ser humano à tomada de consciência, de sermos humanos; teria como objetivo atingir a centralidade, o que há de comum entre nós; para que juntos, possamos “andar no caminho reto com o coração”, um caminho em que haja o compartilhar para a vivência adequada em sociedade.

Outro objetivo da educação para Confúcio era a de primeiramente destacar a potencialidade do educando e estimulá-lo a aperfeiçoar suas habilidades, se preocupando com o bom uso dos mesmos, para estar de acordo com as regras necessárias para a convivência e a harmonia na vida social.

Para o ensino básico, a educação confucionista dividia as artes em arte ritual, música, caligrafia, matemática, arqueria e cavalaria. A arte que mais interessasse ao aluno é a que deveria ser aperfeiçoada. A arte ritual ensinava as práticas de etiqueta, cerimônia, história e costumes sociais. O estudo da música abrangia a construção poética, a melodia usa de instrumentos e o sentido filosófico da música; e era importante, pois os chineses acreditavam que a música seria capaz de despertar um sentido mais profundo de reflexão sobre os aspectos da realidade.

Já a caligrafia consistia na prática da escrita voltada pra a arte, a pintura e o desenvolvimento da percepção visual, e da capacidade de expressão; e o objetivo da matemática seria a de estudar e compreender o mundo por meio da quantificação pelo entendimento das suas leis de funcionamento, se aproximando muito da física para os confucionistas.

E duas artes que chamam a atenção são a arqueria e a cavalaria, que ensinavam o uso de armas, carruagens, prática física e cultura corporal, tendo

um significado especial, pois corpo e mente deveriam estar ligados e serem desenvolvidos.

Para continuarmos com a linha do tempo com a visão na educação, há ainda uma ideia importante sobre o confucionismo: "aquele que foi educado corretamente, realiza-se. Realizando-se, harmoniza-se com o restante da sociedade. Torna-se um sábio, que dá continuidade a vida, que mantém – e ao mesmo tempo transforma, quando necessário – a estrutura da sociedade".

Voltando à linha do tempo, estávamos falando sobre os três reinos, Goguryeo, Baekje e Silla, e foi no reino de Goguryeo, com o rei Sosurim que a primeira escola foi fundada, chamada de Taehak no ano de 372, para educar seus filhos, além dos filhos dos nobres, dando início a educação formal.

Em Taehak, eram ensinados os clássicos do confucionismo, história com os registros dos três reinos, diferentes pensamentos filosóficos, escritura chinesa, dicionário da língua chinesa, literatura, entre outros; com o objetivo, por exemplo, para os filhos dos nobres, prepará-los para trabalharem como altos funcionários públicos. No entanto, a escola para o "povo", foi fundada somente por volta do ano 427, em um bairro humilde, freqüentada pelos jovens solteiros, que se dedicavam de dia e de noite à leitura e a prática de arco; quando o rei Jangsu, mudou a capital do reino de Goguryeo e estabeleceu o sistema monárquico, se dedicando na conquista dos territórios vizinhos.

A escola do "povo", chamada de Gyeongdang, era uma escola em que os plebeus, jovens e solteiros poderiam se formar tanto nos estudos de letras quanto nas práticas com armas. E foi através dessas duas escolas que o reino de Goguryeo pode se fortalecer se defendendo das invasões chinesas, e até influenciando a cultura japonesa.

O próximo reino seria o de Baekje, na qual foi encontrado escasso dado histórico sobre a educação escolarizada, sabendo somente que os intelectuais da época apreciavam os clássicos da China, escreviam com destreza, e compreendia a astronomia, a medicina. O mesmo acontece com Silla, na qual só sabemos que tinha seu próprio sistema chamado de Hwarangdo que desenvolveu seu sistema educativo com a escrita chinesa; uma instituição na qual era ensinado as regras da sociedade com base no espírito comunitário.

O Hwarangdo, tinha como centro o cultivo da ética e o desenvolvimento a razão, do sentimento e da intuição, além do desenvolvimento do corpo; sendo formada pelos jovens pertencentes à nobreza, com a idade entre 14 e 18 anos. Eram tidos como valentes e virtuosos, que acabavam por trabalhar servindo o rei. Para ser membro desta instituição, não era preciso ser da nobreza, mas o mais importante era a personalidade, valentia e outras virtudes.

Como dito, o cultivo da ética era importante, e para que fosse possível, havia cinco regras a serem cumpridas obrigatoriamente:

1. Ser leal ao rei;
2. Cuidar bem dos pais;
3. Construir confiança na amizade;
4. Não fugir no combate;
5. Não matar nenhum ser vivo sem nenhuma razão.

O desenvolvimento da razão, sentimento, intuição eram feitas através da educação musical e poética; já o desenvolvimento corporal se dava através do uso e aprendizagem de como usar as armas como a espada, arco e flecha; a destreza na equitação e a luta livre, chamada de ssireum. Essas aprendizagens tinham como objetivo formar homens fortes e saudáveis, preparados para defender a nação, com mente e corpos educados.

Apesar de o Hwarangdo ter um papel importante, não era considerado como um sistema educativo escolarizado, que só veio a aparecer, quando Silla é unificada, fundando a escola nacional Gukhak, com base nos pensamentos confucionistas.

Gukhak foi fundada pelo rei Sinmun (681-692) em 682, com o objetivo de promover os estudos superiores confucianos, para estabelecer uma ideologia política como base para a nação, com duração de nove anos, sendo os estudantes com baixo rendimento expulsos.

Assim como atualmente, naquela época havia provas, como os concursos públicos, para a escolha de funcionários de alto nível. Este exame, chamado de Dokseosampungwa, foi estabelecido em 788; pois antes deste exame, a escolha era feita somente entre os filhos dos aristocratas de Hwarangdo.

Um pouco diferente dos outros reinos em que o confucionismo era mais forte, ou não havia a separação entre a base ideológica e política com a religião, Goryeo fazia essa separação, tendo como base ideológica e política o confucionismo e como religião o budismo.

Um dos reis que governou Goryeo, Seongjong (r.981-997), estabeleceu seu próprio sistema educativo, dividindo a educação em três etapas, estabelecendo escolas nacionais e a formação de escolas privadas (930-1105), o desenvolvimento de escolas nacionais (1106-1303) e por fim, a importação do neoconfucionismo e a restauração das escolas nacionais (1304-1392).

Seongjong, fundou Gukjagam em 992, e em seu 11º. Ano de reinado fundou um centro educativo superior, que estava dividido em estudo do Confucionismo, que se dividia em Gukjahak, Samunhak e Taehak; e o estudo técnico. A classificação e a entrada dos alunos eram feitas pela renda e méritos do pai; então para o estudo técnico eram permitidos os filhos das concubinas, para o Gukjahak filhos de pais da terceira posição ou mais; para a Taehak as crianças até a quinta posição e os bisnetos daqueles em terceiro lugar; e para o Samunhak, as crianças até o sétimo lugar. Mas além desta divisão havia aqueles que não poderiam estudar no Gukjagam, que eram os filhos de pessoas que trabalhavam com a astronomia, comércio, indústria, música, gastronomia, entre outros. Na qual podemos perceber a importância da renda, de qual família você pertence, qual clã, qual o trabalho de seus pais, não importando o seu esforço e a sua capacidade, mas a reputação de seus pais.

A avaliação era rigorosa, pois se o desempenho do aluno fosse baixa, ele poderia ser expulso. Essa avaliação era feita através de provas a cada dez dias e um exame ao final do ano, e passar neste exame era pré-requisito para o próximo curso, o que deveria ser óbvio, mas não é o que podemos ver em alguns cursos de algumas faculdades atualmente.

Por essa avaliação ser rigorosa e pelos estudos levarem mais tempo, sem, contudo aprovarem muitos para os concursos, é que as escolas privadas começaram a se destacar; estas chamadas de Gongdo. Além destes fatores, outros problemas que ajudaram as instituições privadas a ganharem força foram os problemas econômicos de Gukjagam e a grande rotatividade dos

professores, ao contrário dos professores de Gongo que continuavam com seus alunos por longos períodos, até mesmo depois de terem se formado.

As escolas, não se dividiam somente em públicas e privadas, mas também eram divididas em educação formal e a educação técnica, que abrangia as áreas de astronomia, meteorologia, calendário, a medicina, o estudo de yin e yang; e os estudos das línguas estrangeiras.

Já no período de Joseon, a educação tinha como objetivo formar funcionários eficientes e formados no confucionismo; ou seja, a educação preparava para o exame de funcionários. Este exame, chamado de gwageo, também tinha como outra finalidade, a de separar a sociedade em estratos sociais, dividida em yang-in e cheonmin. E cada um destes estratos tinha a sua função.

Os yang-in, eram os cidadãos livres com direitos e deveres, que se dedicavam aos estudos, a agricultura, a indústria e ao comércio; e que deveriam pagar os impostos e participar do serviço militar. Os da classe cheonmin, não eram considerados cidadãos e abrangiam os escravos, os artistas, e outras profissões menosprezadas, não tendo o direito de estudar e nem de fazer os exames,

Neste período, o que podemos ver de novo é além da escola real e as escolas técnicas, existiam as escolas de interpretação, com o objetivo de formar intérpretes para as relações estrangeiras; a escola de medicina; a escola militar, com o objetivo de formar os oficiais militares; a escola de leis, que formava funcionários para o cumprimento e a execução da Lei; a escola de contabilidade, responsáveis pela formação de administradores econômicos; escola de música; escola de reação de documentos; escola de documentos; de pintura e de astronomia.

A partir da segunda metade do reino de Joseon, um novo movimento da educação começou a florescer, com a chegada de estrangeiros, que chegavam aqui como missionários promovendo a educação.

Grandes mudanças ocorreram como a escola Gyeongsechiyongpa, que propunha reformas política, econômica e social e se preocupava com a melhoria da vida dos agricultores; a escola Iyonghusaengpa, dos comerciantes

e industriais. Mais do que escolas, novas concepções e ideias surgiram, lutando contra a escravidão, a diferenciação com relação ao lugar de origem, a classes; a desigualdade na educação e não uma educação para todos; assim, reformas começaram a acontecer, como a reforma do sistema educativo e a reforma do processo educativo.

Essas reformas se deram a partir do século XVII a partir de um movimento de intelectuais, chamada de Silhak, para refletir sobre os problemas da sociedade, pois estavam preocupados com a destruição da vida do povo pelo sofrimento das inúmeras invasões como a invasão do Japão e da China, pelas lutas ideológicas, e pela influência do positivismo; durante até aproximadamente o século XIX.

Os intelectuais de Silhak se dedicaram a estudar sobre como melhorar o nível de vida do povo e da realeza também, não se esquecendo da educação, sendo muito influenciados pelos estudos ocidentais através de vários intercâmbios que foram ocorrendo e através da posterior abertura do reino para a relação com os outros países como a Inglaterra, os Estados Unidos, a França, a Itália, a Alemanha e a Rússia. Para a educação, os intelectuais, queriam reformar o sistema educativo, tendo uma cultura própria, com a intervenção do estado.

Neste período, a educação já era considerada pelos de Silhak, um direito de todos e não privilégio para alguns, como ocorria; abrangendo também a discussão sobre a escravidão, o privilégio com relação ao lugar de origem, linhagem, o sistema de exame, entre outros.

Por volta do ano de 1876, é que o processo de modernização da Coreia começou, e se deu com o Tratado de Ganghwado, firmado entre a Coreia e o Japão, neste mesmo ano; além de muitos outros tratados firmados com outros países. Através dessa abertura novas culturas foram introduzidas, tendo as mesmas, influenciado alguns acadêmicos da época, que também propuseram reformas, como por exemplo, modernizar o país substituindo o sistema de monarquia absoluta pelo sistema de monarquia constitucional; reforma social e aprender as tecnologias científicas do ocidente. Sendo, a primeira escola moderna da Coreia construída em 1885. Mas a educação em geral, foi

interrompida por algumas vezes, seja por problemas políticos, seja pelas guerras; como por exemplo, na Guerra da Coréia, na década de 50, quando as escolas tiveram que se refugiar na Coréia do Sul e grande parte de estudantes pegou em armas para defender o país, segundo o livro Dados Sobre a Coréia.

Em 1894, ocorreu outra reforma a chamada Reforma de Gabo, que possibilitou o surgimento da ideologia da educação moderna e o sistema escolar moderno. Esta reforma, exigência dos japoneses, ocorreu devida o triunfo dos mesmos na guerra Sino-Japonesa, intervindo cada vez mais nos assuntos do reino de Joseon. A reforma estabeleceu o Ministério da Educação, e em 1895 foi promulgada as leis educativas, que tinham como objetivo da educação, uma educação pragmática, que formassem homens virtuosos e inteligentes, educando, sem nenhuma diferenciação de classes sociais.

Com a usurpação do Japão sobre a diplomacia coreana, em 1905, houve uma grande expansão do fenômeno de escolarização, pois para os intelectuais, "aprender era se fortalecer", e para o povo, fundar escolar seria salvar a pátria, sendo a mesma uma forma de resistência e uma maneira de promover a independência.

De acordo com o livro Historia de La Educación de Corea, pág.201 e 202, o objetivo desta expansão e fundação de escolas, era a de: educar os jovens, para que eles pudessem ajudar na recuperação do poder nacional; promover o patriotismo e o sentimento solidário, pois acreditavam que a perda do poder nacional ocorreu pela falta de instrução do povo; formar intelectuais e líderes patriotas; e não somente transmitir o conhecimento, mas também, se preocupando com a educação física para o fortalecimento não só intelectual, mas física também, visando à harmonia física, cognitiva e moral. Pois os japoneses estavam promovendo a colonização do povo, através da própria educação.

Primeiramente, os japoneses diminuíram os anos escolares das escolas nacionais e de escolas de línguas estrangeiras; e abrindo mais escolas nacionais, que eram destinados a todos, e as escolas locais, destinados somente para o povo da região; com o objetivo de introduzir a cultura japonesa,

sendo o curso de japonês obrigatório assim como o aprendizado da língua coreana.

Mas após a anexação da Coreia ao Japão no dia 29 de agosto de 1910, como sua colônia, o Japão mostrou o seu maior objetivo, a aniquilação da cultura dos coreanos, através do decreto para a educação, datada de 1911 a 1922, com o objetivo de formar coreanos leais ao Japão e fazer com que os coreanos aceitassem a dominação. Esse objetivo se mostrou mais forte e urgente, quando em 1919, o povo coreano se voltou contra o colonialismo japonês, estabelecendo um governo provisório; resultando na política de aniquilamento total da cultura coreana, através do decreto educativo de 1922, que tratou de uniformizar o sistema de educação coreana com a japonesa, e durou até o ano de 1938.

Em 1938, foi criado o terceiro decreto, que intensificou a educação, após a invasão dos japoneses à China em 1937; que converteu a Coreia como sua base militar e obrigou os coreanos a estudarem com os japoneses, transformando o estudo da língua coreana opcional. Essa opção pelo estudo do idioma coreano, não durou muito tempo, pois por volta do ano de 1943, o curso de língua coreana foi eliminado, e houve a conversão das escolas coreanas em instituições para a preparação para a guerra, sendo os professores e estudantes, obrigados a raspar o cabelo e usar os uniformes militares; além da proibição da circulação de qualquer tipo de texto que tratasse sobre temas como o patriotismo, o sentimento anti-japonês, independência, liberdade, entre outros temas relacionados aos citados.

Apesar da grande repressão, o povo, não desistiu, e continuou lutando pela liberdade. E contra essa repressão, começaram a surgir escolas, criadas pelo povo para recuperar a nação, conscientizando através da educação, ensinando os jovens sobre as suas raízes, sobre língua coreana, história da Coreia, geografia, entre mais alguns outros, também importantes; sem esquecer-se de promover a solidariedade e a identidade nacional. Além das escolas, o povo também utilizou de campanhas para a conscientização e para que o sentimento de povo unido pudesse ficar mais forte.

Outra forma de conscientizar foi através do estabelecimento de academias noturnas, destinada para os camponeses e os mais pobres. Essas academias funcionavam no período noturno, e eram consideradas clandestinas, assim, não sendo controladas pelos japoneses. Apesar dos esforços, da qual não sabemos os seus resultados, os japoneses descobriram e as fecharam em 1935; estabelecendo em seu lugar, escolas noturnas.

Os coreanos, por volta de 1945, estavam radiantes, achando que viam uma "luz no fim do túnel"; pois o Japão havia sido derrotado na Segunda Guerra Mundial, alegria essa que não durou muito tempo, pois em vez de se tornar independente, viu-se dividido, divisão essa causada pela Guerra Fria. Assim, os E.U.A ocuparam a metade sul do país e a União Soviética, ocupou o lado norte.

Em 1948, a Coréia do Sul, elegia o primeiro Presidente da República, enquanto do lado norte, era governado pelo regime comunista. E essa divisão, era só o começo de uma nova guerra e a devastação do país. Pois no dia 25 de junho de 1950, a Coréia do Sul foi invadida, envolvendo não só o país dividido, o norte contra o sul; como também os Estados Unidos, a China, entre outros países. E o resultado dessa luta, foram três milhões de coreanos mortos e feridos; milhões de sem teto e separados da família; além de muitas dificuldades políticas e econômicas, até chegar a um "Governo Participativo", em 2003, pois tinha como base a participação da população; que teve papel importante para o que a Coréia é atualmente.

A educação na Coréia era dividida em: educação elementar, que abrangia os jardins de infância, escola primária, com duração de seis anos sendo gratuita e obrigatória; a escola média, 7^{a.}, 8^{a.} e 9^{a.} Séries, que se tornaram gratuitas e obrigatórias em algumas áreas, como nas ilhas litorâneas em 1985; escolas de 2^{o.} Grau, que tinha como objetivo ministrar educação técnica e geral mais avançada baseando-se no que foi realizado na escola média. Algumas das matérias que as escolas de educação geral ofereciam q que eram obrigatórias são: língua coreana, estudos sociais, ética e moral, história coreana, história mundial, geografia, matemática, biologia, educação física, música e artes, inglês, e administração.

Mas a postura do governo na época era a de dar maior ênfase à educação técnica e vocacional para apoiar os programas de industrialização no país. E o ensino superior, que pretendia desenvolver nos estudantes uma compreensão do homem e de seu meio ambiente, um desejo para contribuir para a sociedade e uma determinação para melhorar a qualidade de vida.

Um dos aspectos relacionados à educação, muito importante a ressaltar, são as bolsas e auxílios, que o governo concede para estudantes para que não tenham que se preocupar com a continuação de seus estudos. Essas bolsas consistem em ajuda financeira, que consiste de empréstimos do governo, isenção ou redução de taxas escolares. Até estudantes estrangeiros são incentivados à estudar na Coréia com auxílios e bolsas do governo, podendo escolher a escola que querem freqüentar e funcionários do governo os auxiliam, como por exemplo em relação ao alojamento.

Outra instituição que tem um papel importante na educação continuada são as bibliotecas, sendo elas públicas, escolares ou especiais. Pois as bibliotecas públicas têm a função de atender às necessidades de informação do público e estimular o desenvolvimento cultural nas comunidades, recebendo muitas vezes apoio financeiro do governo. Já as bibliotecas escolares são incentivadas a abrirem para o público, tendo um papel importante de ligação com a comunidade, além das bibliotecas particulares, círculos de leitura e bibliotecas ambulantes, que ajudam a aumentar os padrões culturais da população.

Uma das preocupações com relação à aprendizagem é a questão da motivação. Segundo o jornal nacional da globo, “na sala de aula, há tudo o que é preciso para educar com motivação”, e como exemplo há o karaokê, que é um dos recursos educativos. Na Coréia, diferente do Brasil, o período que os alunos passam na escola é de oito horas por dia, enquanto aqui são de no mínimo quatro horas por dia; e mesmo assim, eles dizem ser divertido e não estressante.

A preocupação com a nota também é importante, envolvendo a participação da família, e da escola; que diz que “o segredo é nunca permitir que o aluno passe um dia sem entender a lição”. Além da avaliação dos professores a cada

dois anos, os professores precisam ter curso superior e são atualizados, e se o aluno não aprende, o professor é reprovado. Pode-se ver essa grande mudança, comparando a Coreia que nos anos 50 estava destruído pela guerra civil e que deixou um milhão de mortos, a maior parte da população na miséria e um em cada três coreanos era analfabeta. Já atualmente, oito em cada dez chegam à universidade, tendo ocorrido, essa mudança, com a lei que tornou o ensino básico prioridade, e na qual os recursos foram concentrados nos primeiros oito anos de estudo.

Até, que finalmente, chegamos aos dias mais atuais, com a seguinte reportagem da revista Planeta de junho de 2011: "Se o aluno não aprende, o professor é reprovado", e por ter essa mentalidade é que a Coreia do Sul saiu da sua condição de país "obscuro" para uma posição de destaque mundial. Pois há mais ou menos 40 anos atrás, um em cada três coreanos era analfabeto; mas hoje, oito de cada dez habitantes ingressam na universidade. E essa mudança só pode ocorrer, pois, os coreanos revolucionaram o sistema educacional, começando a concentrar recursos no ensino fundamental para que ocorresse a mudança também no ensino superior.

Hoje em dia, segunda a revista, todas as salas de aula são equipadas com computadores, conectados à internet; os alunos do ensino fundamental e médio recebem livros didáticos digitais gratuitos; e desde cedo as crianças são estimuladas a pensar no futuro. A política da educação neste país é o de estímulos, premiando os bons professores e os estudantes, sendo os mais talentosos incentivados com bolsas de estudos e cursos extracurriculares.

Uma das grandes diferenças notáveis entre o Brasil e a Coreia do Sul é: "os professores são vistos como elementos-chave do processo educacional e gozam de alto prestígio na sociedade", e "estão entre os mais bem pagos do mundo". Mas o que podemos estabelecer como pontos convergentes são, o envolvimento familiar, pois é um dos fatores importantes para a motivação e criatividade dos filhos e a ação do governo, que apóia ou deveria apoiar e investir para que a família possa participar mais.

O ingresso dos filhos em uma boa universidade é muito importante, e segunda a revista folha, é praticamente uma obsessão; por isso a preferência por colégios que dêem ênfase à preparação para o vestibular; pois é também uma preocupação com o olhar dos outros da comunidade sobre a família. Este ponto é notável, para todos os que estão no terceiro ano do ensino médio; como experiência própria, todos que te conhecem, ou que conhecem os seus pais, perguntam o que você quer prestar, quais faculdades; entre outras perguntas relacionadas. Isso se torna uma pressão muito grande, pois muitas vezes você carrega o peso de ter que passar de qualquer jeito numa boa faculdade, somente para que reconheçam o seu esforço e estudo, e que você realmente estudou no colegial e não ficou somente “brincando”.

Além desta fase pré-vestibular, temos a fase pós, quando você já prestou o vestibular, quando todos sabem a semana das provas, te perguntando se você foi bem no vestibular, e muitos, até entram na internet para olhar na lista o nome de todos os conhecidos que prestaram, para ver se eles passaram; sendo um estresse e um peso antes, durante e depois da prova.

Uma das formas encontradas para manter a cultura, a tradição, os costumes e a identidade, são as criações de instituições próprias de educação. Uma delas é uma escola, citado na revista Folha. Este colégio possui 99% de seus alunos, coreanos ou descendentes, e foi construído em 1999, com a ajuda do governo coreano; oferecendo da educação infantil, até o ensino médio.

O currículo desta escola, de manhã é o brasileiro, e à tarde, o coreano, ensinando a língua, a história, artes marciais, dança e instrumentos musicais, além de reforço para o vestibular. E como a família, a escola e a comunidade precisam estar ligadas e trabalharem juntas para possibilitar e contribuir com o aprendizado dos alunos, a escola tem o pensamento de “ajudar a comunidade”, abrindo a escola para eventos da comunidade coreana, e promovendo eventos que possibilitem a interação com a família.

- **Costumes e Tradições**

São muitos os costumes e as tradições, e uma delas está ligada ao casamento. De acordo com um depoimento à revista folha, que trata sobre o casamento inter-racial; o comerciante Ricardo Kyung Im, 37, diz que o coreano, por ser muito ligado à família, precisa respeitar a tradição de casar com alguém da mesma nacionalidade; pensamento que ainda é muito forte para os coreanos e descendentes de coreanos, pois sentem muitas diferenças entre as outras culturas, dificultando o convívio de um casal na comunidade coreana, se não forem da mesma nacionalidade.

Outro ponto de tradicionalismo podemos encontrar nos costumes; como diz um depoimento à revista, de uma jovem, "É uma sociedade muito cabeçuda. Pega mal falar que você toma cerveja, por exemplo", pois ser mal visto pelos patrícios é preocupante. É preocupante, pois, por não ser uma comunidade tão grande, e tão aberta; e muitos freqüentarem a mesma igreja, se conhecerem, pois muitos possuem a mesma fonte de renda, o comércio de roupas ou alimentos; tudo o que você faz é visto ou sabem um pouco sobre você e qualquer atitude fora do padrão da comunidade, todos ficam sabendo; podendo em muitos casos estragar a reputação da família inteira, e podendo fazer com que ninguém queira casar com você, ou andar com você.

O dia a dia de muitos coreanos, especialmente para as primeiras gerações, começa com o kimchi, acelga apimentada essencial na mesa coreana, quanto o arroz na mesa brasileira de acordo com a revista Folha. E realmente, o que vivi na pele, é que podemos ver o grau de nacionalidade olhando para a alimentação do imigrante ou do descendente, como diz Chul Um Kim, da associação de coreanos. E seu depoimento, ele diz: "Estou no Brasil há 41 anos e sou brasileiro naturalizado. Boa parte dos imigrantes que chegaram na primeira leva, na década de 60, já se naturalizou. Quando você começa a comer arroz com feijão e farofa toda a semana, sabe que já virou brasileiro e que é hora de mudar o documento".

Achei muito engraçado e verídico, pois eu trabalho numa escola coreana, mas que serve no almoço comida coreana e brasileira. Depois que eu li esse

depoimento e depois do comentário de uma das professoras é que percebi essa relação. Pois as professoras coreanas, que vieram da Coreia, comem mais a comida coreana, pois quando tinha no mesmo dia as duas comidas elas preferiam comer a comida coreana. Já eu sem perceber comia a comida brasileira. E o comentário de uma das professoras coreanas foi: “Essa professora realmente é brasileira. Você não gosta de comida coreana?”.

Além da comida que é exótica e apimentada e bem temperadas, temos o vestido tradicional coreano, o Hanbok. O Hanbok da mulher é um agasalho em volta da saia ou “Chima” e um casaco “jeogori”. Já o do homem, consiste num “jeogori” curto e “baji”, calça. Essas roupas eram usadas à tempos atrás pelo povo e pelos reis e rainhas que governaram, mas que atualmente são usados para festividades e cerimônias, como por exemplo nos casamentos ou funerais.

Outro costume que acontece todo o ano é o primeiro dia do ano, no qual, as famílias preparam uma sopa chamada tokguk, que consiste basicamente em vegetais, massa de arroz, e temperos e outros ingredientes a gosto; o dia do aniversário, na qual é preparado especialmente para o aniversariante, o miokguk, sopa de algas; esses são alguns dos costumes que minha família ainda mantém.

Essas são só algumas, escolhidas aleatoriamente, pois para conhecer mais dos costumes e tradições, só lendo mais e ou conviver com coreanos e seus descendentes.

Capítulo III: Família, escola e comunidade

Família, uma instituição que há tempos atrás era vista e formada diferente da família de hoje. Antes, o núcleo central da família era formado apenas por pai, mãe, com sexos diferentes, irmãos ou irmãs (História de Crianças e Infâncias p.24); o que hoje para alguns é muito diferente, onde pai e mãe podem ter o mesmo sexo, em muitos países. Mas não entrando em detalhes sobre esta questão polêmica, a família tradicional da Coreia, era grande com diferentes gerações vivendo todos juntos. A quantidade era importante e desejada, pois ser grande era considerado uma benção para os coreanos (Fatos sobre a Coreia pág. 192). Mas como em muitos outros lugares, essa família foi diminuindo, com no máximo duas crianças por família.

Na família de tempos atrás e até hoje, pela cultura do povo, para primeiro filho, todas as famílias esperam ansiosamente para que seja um menino, pois será ele que tomará o lugar de chefe de família, ou porque, quando o primeiro filho homem casa, ele continua na família, e é o seu sobrenome que passa para seus filhos; mas a filha mulher quando se casa se tornará da família de seu marido, pois herdará seu sobrenome. Mas hoje em dia, o núcleo familiar tem se tornado somente o casal, sem levar em consideração os filhos.

Outro ponto importante da cultura e da educação, é que os coreanos não chamavam as pessoas mais velhas pelo nome, às cumprimentavam diferente do que pessoas da mesma idade, ou mais novas, ou mais próximas; o que ainda podemos ver na educação de algumas famílias até os dias atuais. Para os mais velhos, os mais novos os cumprimentam com o *insa*, ou seja, curvando a cabeça com um sinal de respeito ao mais velho; para os irmãos ou irmãs, os mais novos chamam de *oppa*, *nuna*, *eonni* ou *hyeong*. *Oppa*, são as meninas que chamam os irmãos ou conhecidos um pouco mais velhos que a sua idade; *nuna*, são os meninos que chamam as meninas; *hyeong*, são os meninos que chamam os irmãos ou amigos mais velhos; e *eonni*, são as meninas que chamam meninas e irmãs mais velhas.

Só com esses fatos, já podemos perceber a importância da hierarquia e de respeito, saber quem está acima de você, quem está abaixo, quem está no

mesmo “nível” que o seu quem é mais velho, quem é mais novo, quem tem a mesma idade. Essa questão se torna mais forte nas empresas, na qual, outro ponto também é importante, mas que a idade não faz tanta diferença. Se o seu chefe for mais novo que você, mesmo assim, você falará diferente, mas sempre respeitando também a hierarquia da idade. Podemos citar como exemplo de respeito à hierarquia, as refeições; os filhos esperam o pai pegar a primeira colher, para depois comerem. Essa atitude, postura é mantida atualmente em poucas famílias, que na maioria das vezes mora com os avós.

Na questão da educação formal, através de conversas informais com coreanos que estudaram na Coreia e que têm parentes lá dizem que muitas escolas, assim como algumas aqui no Brasil, separam os alunos e dividem as salas a partir do desempenho dos mesmos.

As primeiras salas são os alunos que tiram notas altas, e as próximas são os que tiram notas baixas. Mas dentro da própria sala, há o ranking dos alunos; quem está em primeiro lugar, quem está em segundo e assim por diante. Essas divisões, e a pressão da família e conhecidos, fazem com que muitos alunos se esforcem e estudem muito mais, para que possam obter um lugar melhor no ranking, ou chegar ao primeiro lugar, além de causar muita competição e sentimentos que vão desde desapontamento, tristeza até o suicídio. Realidade assustadora, mas que acontece, trazendo-nos a reflexão de quão grande era e é essa carga, esse peso, essa ‘responsabilidade’.

Já a comunidade coreana e de seus descendentes, é ligada através de associações, religião, e através de jornais e sites que querem divulgar a cultura coreana, como os estilos de música, de roupas. As associações têm como uma de suas funções, contribuir e ajudar a comunidade com relação à educação, transporte entre outros.

Exemplo disso, é a ajuda que uma das instituições de educação coreana, recebe da associação. Os pais não precisam pagar o transporte escolar, que é custeado pela associação, e nem a natação, que é praticada pelos alunos, em outra instituição.

A religião une a comunidade através das igrejas e eventos promovidos pelas mesmas. Pela comunidade coreana não ser tão grande assim, comparada com

outros imigrantes e pela maioria ter a mesma profissão, fica mais fácil, ser mais unida.

Partindo da minha vivência, sendo presbiteriana, a comunidade tenta manter alguns costumes e tradições através das igrejas, nas quais, reunimos todos os sábados e domingos para os cultos, a comunhão, a convivência. São preparados eventos, para unir mais as pessoas, promover o sentimento de pertencimento, de ajuda e solidariedade, na preocupação de ligar a “velha” geração, que fala o coreano fluentemente e ainda mantém costumes, com a “nova” geração, na qual alguns falam o coreano, e que misturam costumes daqui do Brasil, com os costumes passados pelas famílias e comunidade.

Os meios de comunicação, os jornais e sites, ajudam muito na valorização da cultura dos coreanos e na divulgação da mesma, mas o que tenho observado muito é que essa cultura, especialmente a cultura da música, é mais apreciada pelos brasileiros, do que pelos descendentes de coreanos. Enfim, os jornais, são escritos em coreano, e passam notícias sobre a comunidade, e notícias do mundo.

Para entendermos um pouco melhor, sobre a educação e alguns valores, apresentarei um pouco sobre uma escola bilíngüe coreana, sua visão e proposta para esses descendentes e suas famílias, mas que também é aberta para atender a população local seja ela descendente de coreanos ou não e o relacionamento com as famílias e a comunidade.

Essa escola, que aqui chamarei pelo nome fictício Bilíngüe, tem como proposta a utilização de uma metodologia que instrumentalize o aluno no processo da busca do conhecimento; proporcionar um espaço de relação e crescimento entre todos os envolvidos; e um projeto curricular atualizado que atenda às exigências do momento, sem perder os valores permanentes.

A mesma tem como missão atuar no campo da educação tendo em vista valores, princípios universais e conhecimento, de acordo com as exigências da sociedade moderna, para que os alunos se tornem cidadãos conscientes; com foco nas duas culturas e seus dois currículos. E que tem como maior objetivo aprovar alunos na USP.

Esse objetivo, não parte só dos valores da escola, mas tem sentido para toda a comunidade, que vê com suma importância, o ingresso em faculdades renomadas, especialmente a USP; pois traz status, traz o olhar de admiração e orgulho para a família do ingressante.

A escola também tem como objetivos desenvolver através de atividades extracurriculares, uma personalidade saudável, desenvolver talentos, senso de comunidade e cultivar a busca da identidade dos descendentes dos coreanos. Essa escola oferece no período da manhã o currículo brasileiro e no período da tarde, o currículo coreano, com aulas que além da matemática, ciências, coreano, também dá aulas de história da Coreia, sobre a bandeira e pessoas importantes que ajudaram na formação da mesma e alguns valores passados na vivência com os alunos.

A Bilíngue foi construída com recursos da comunidade e do governo coreano, e leciona aulas de língua coreana para os brasileiros que estão interessados na cultura e para descendentes que querem aprender ou aperfeiçoar os seus conhecimentos. Além de ser reconhecida pelo MEC, também é supervisionado pelo ministério da educação da Coreia do Sul, que envia recursos e materiais.

De acordo com a revista Folha e minha vivência, normalmente os coreanos e seus descendentes andam em colônia, freqüentam uma igreja e mantêm sua cultura assistindo programas nativos, comendo as comidas típicas e aprendendo a língua coreana. Mas a outra minoria tem perdido contato com a cultura, não assistindo aos programas, não falando mais a língua coreana, não comendo a comida típica, e não se identificando com a comunidade, e tudo isso, pois a família em especial, não tem se preocupado em transmitir.

Através desses fatos, podemos ver como é importante o papel e a ação da família, da escola, como a Bilíngue, e a comunidade, na transmissão da cultura e dos valores.

Considerações Finais

Muitas são as tradições, que são passadas de geração em geração; a cultura; as crenças, mas que, através de estágio, convívio com os descendentes de coreanos e coreanos que residem no Brasil, muito desta identidade, e da cultura está sendo perdida, ou substituída por outras culturas.

De acordo com Canclin, são essas culturas, a cultura culta e a cultura de tradição, que estava falando, que são afetadas, especialmente esta última, pela globalização. Para o autor, a cultura culta e a cultura produzida, re-pensada, re-significada, é a que vai sendo incorporada como bem cultural da humanidade; e a cultura de tradição, são as experiências, a forma de ser de um povo, a sua maneira de pensar, os seus valores, suas tradições. E é essa cultura de tradição, que dá uma identidade e sentimento de pertencimento ao grupo. Cultura essa, entendida também como: “questão de sensibilidade e de valores subjetivos”, como diz o Frei Beto, em seu livro, Desafios para o nosso empenho educativo.

Com a globalização afetando essas culturas, a hibridação das mesmas acaba ocorrendo, o que traz como consequência a perda da identidade e de pertencimento ao grupo. E é o que tem ocorrido com os descendentes de coreanos nascidos aqui no Brasil, dos quais muitos estão perdendo ou ficando confusos com relação à identidade, e assim, não sabendo se pertencem a esse grupo ou a outro grupo. Ficando no impasse de nem serem descendentes de coreanos e nem sendo brasileiros.

Isso ocorre, pois, muitas famílias, já não transmitem a cultura de tradição, ou para Bourdieu, a herança cultural, e não falam mais a língua coreana, pois aprenderam o português.

Então podemos entender que a família e a comunidade, podem ajudar na transmissão da identidade, de valores, de tradições, através do convívio, da conversa, com uma maior participação na vida dos descendentes, mostrando a importância da valorização e do conhecimento. Mas e o papel do pedagogo na identidade e cultura desses descendentes?

“A escola é o locus privilegiado para se processar alterações tanto na identidade individual quanto nas identidades coletivas dos sujeitos” (PEREIRA, 2001 p.2), e é neste local que a ação do pedagogo entra em cena. Identidade, aqui entendida como “um processo relacional de referências cruzadas que é elaborada socialmente. Enquanto identidade social ou coletiva, ela é o imaginário de um grupo sobre suas origens comuns e os seus múltiplos laços cultural, histórico e geográfico compartilhados. Este senso de compartilhamento identitário é que permite à população de determinado território a configuração de um projeto de continuidade histórica. Assim a identidade emerge da dialética entre indivíduo e sociedade” (PEREIRA, 2001 p.6).

Partindo de que cada sujeito construirá sua identidade de acordo com o sentimento de pertencimento, o pedagogo, sendo um dos principais atores diretos na escola, com os descendentes, poderá através de suas ações, e de seus próprios valores, alterar a identidade, ou proporcionar o sentimento de pertencimento, para que os descendentes possam manter e construir a identidade, a cultura de seus pais.

Para tanto, é preciso que as escolas reconheçam essa realidade, e se preocupem com as práticas educativas e com os pedagogos. Uma das práticas que pude observar na escola Bilíngue, é que no currículo, além de matérias “normais” como matemática, ciências, entre outras, há a abordagem de temas específicos do país de origem das famílias, e sobre valores e tradições. E é a partir desta base, que o pedagogo, atua na sala de aula, para a transmissão da cultura e da identidade, sendo muito importante, o mesmo, acreditar e viver esses valores e tradições, para que seja real para o aluno.

Uma das formas escolhidas para manter a tradição e proporcionar o sentimento de pertencimento, são as realizações de festas e comemorações deste mesmo tema, envolvendo todos os alunos, os professores, a família e a comunidade, pois a escola proporciona que a comunidade possa usar o local, para realizações de eventos e outras atividades.

“o docente é, ao mesmo tempo, um sujeito (com suas características pessoais), um representante da instituição escolar (com direitos e deveres) e um adulto encarregado de transmitir o patrimônio humano às jovens gerações (o que é uma função antropológica). (CHARLOT, 2005, p. 77)

Assim, o papel do pedagogo é também transmitir o patrimônio cultural material e imaterial, e em se tratando de escolas coreanas, é muito mais fácil essa transmissão por poderem ter um currículo diferenciado e que atendam a demanda da comunidade, proporcionando, a continuação de tradições, da cultura e da identidade deste povo e seus descendentes.

“A mudança cultural não deve ser entendida apenas como o desdobramento – de acordo com alguma lógica predeterminada de desenvolvimento, modernização ou capitalismo – mas como o resultado desordenado contraditório e diferencial que envolve as mudanças na identidade, mas relações de luta e dependência, incluindo a experiência da própria realidade”. (ONG, 1990, p. IX).

Referências Bibliográficas e Eletrônicas

-

[HTTP://www2.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasileiros/entredoismundos/entredoismundos6.htm](http://www2.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasileiros/entredoismundos/entredoismundos6.htm) Acessado no dia: 09/04/2011

- KIM, Edward H. Dados sobre a Coréia. Editora Hollym Corporação, 1985.

- Kim, Yoo Na. A Jovem Coréia. Editora SSUA.

- CHOI, Keum Joa. Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil. São Paulo, USP, FFLCH (dissertação de mestrado), 1991.

- NAHM, Andrew C. A history of the Korean people. Korea tradition and transformation. Seoul: Hollym international corp, 1996.

- <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/coreia-do-sul-das-guerras-ao-crescimento-economico-426123.shtml> acessado no dia 14-04-2011

- Revista: Planeta jun/2011, ano 39, edição 465.

- Revista da Folha: http://www.etni-cidade.net/coreanos_clipping.htm acessado no dia 14-04-2011.

- MULLER, Verônica R. História de Crianças e Infâncias: registros, narrativas e vida privada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

- Korean Culture and Information Service Ministry of Culture, Sports and Tourism. Facts About Korea. Copyright, 1973. Edition 2010.

- Serviço Coreano de Informações no Exterior. Fatos sobre a Coréia. Copyright 1973. Edição 2006.

- KO, Hye-Sun; Romero. Francisco Carranza. Historia de La Educación de Corea. Editorial de Universidad Dankook, Yonginshi, Gyeonggido, República de Corea, 2010.

- ONG, Alhwa – Spirit of Resistance and Capitalist Discipline: Factory Women in Malaysia. Albany, State University of New York Press, 1987. Apud.: Kye Young Park, The Korean American Dream: Ideology and small business in Queens, New York, The City University of New York, 1990, p. IX.

- PEREIRA, Jacira Helena do Valle. Fronteiras étnico-Cultural e Geográfica: Indagações para Educação sobre a (Re) Construção Identitária de Sujeitos Migrantes. Grupo de estudos Afro-brasileiros e educação n.21.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Diferentes, desiguais e desconectados. RJ: Editora UFRJ, 2007, p.15 – 31.